

XIX encontro nacional
de pesquisa em
ENANCIB ciência da informação

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT- 10 – Informação e Memória

OS PROCESSOS MEMORIAIS DAS MULHERES RENDEIRAS DE CAMALAUÁ/PB A PARTIR DA TÉCNICA DA RENDA RENASCENÇA

Geysa Flávia Câmara de Lima - (Doutoranda do PPGCI/UFPB)

Carlos Xavier de Azevedo Netto - (Docente do PPGCI/UFPB)

THE MEMORIAL PROCESSES OF THE RENDERING WOMEN OF CAMALAUÁ / PB FROM THE RENASCENCE INCOME TECHNIQUE

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: O presente trabalho enfatiza as relações humanas no "saber fazer" das rendeiras de renascença do município de Camalaú, PB, a partir da ótica do patrimônio intangível, objetivando evidenciar o universo sócio-cultural de uma atividade artesanal, mediadora das memórias e identidades das mulheres rendeiras do Cariri Paraibano. Enfatizaremos a organização social das rendeiras para mostrar as relações sociais e de produção da renda principalmente na família, como unidade reprodutiva da mão-de-obra, quanto formadora de uma tradição que se consolidou entre mulheres responsáveis pela formação de uma nova geração de rendeiras. Trataremos de mostrar como essa produção se organiza no espaço da cooperativa e do núcleo familiar de rendeiras existente na área pesquisada. O trabalho alicerçado na Ciência da Informação, a partir da linha de pesquisa: Informação, Memória e Sociedade, renovarão a densidade do olhar por meio de novos cruzamentos de interpretações sobre como vivem e resistem como pensam e estabelecem relações próprias, ou apropriadas, as mulheres dessa região. Nesta perspectiva, trataremos de unir a abordagem etnográfica, documentando fotograficamente a rendeira na unidade de produção familiar e na cooperativa; mapeando as técnicas desenvolvidas e utilizadas, que em uma primeira abordagem seriam: tipos de peças, amostras de pontos, técnicas de manufaturas, materiais empregados na produção da renda. Com poucas referências históricas, que relatem as relações desenvolvidas em torno deste fazer artesanal, a pesquisa revisitará os espaços de vida e lembranças das rendeiras, a partir de um estudo qualitativo que reunirá técnicas interpretativas para descrever e explicar os componentes do sistema de valores que dão significados às práticas culturais da mulher rendeira. A partir das narrativas dessas mulheres, procurar-se-á discutir a preservação, apropriação e democratização das relações no contexto dos ambientes de informação e memória, do patrimônio cultural e da construção de identidades.

Palavras-chave: Memória; Identidade; Patrimônio Cultural; Renda Renascença.

Abstract: The present work emphasizes the human relations in the "know-how" of the *rendeiras* of renaissance of the municipality of Camalaú, PB, from the perspective of the intangible heritage, aiming at evidencing the socio-cultural universe of an artisan activity, mediator of the memories and identities of the women riders from Cariri Paraibano. We will emphasize the social organization of *rendeiras* to show the social and income relations mainly in the family, as a reproductive unit of the workforce, as forming a tradition that has consolidated among women responsible for the formation of a new generation of *rendeiras*. We will try to show how this production is organized in the space of the cooperative and the family nucleus of *rendeiras* existing in the researched area. The work based on Information Science, from the line of research: Information, Memory and Society, will renew the density of the gaze through new crossings of interpretations about how they live and resist, how they think and establish proper or appropriate relations, the women in this region. In this perspective, we will try to unite the ethnographic approach, photographing the *rendeira* photographically in the family production unit and in the cooperative; mapping the techniques developed and used, that in a first approach would be: types of pieces, samples of points, techniques of manufactures, materials used in the production of income. With a few historical references, which relate the relationships developed around this artisanal work, the research will revisit the living spaces and memories of the lacemakers, starting from a qualitative study that will gather interpretative techniques to describe and explain the components of the value system that give to the cultural practices of the *rendeira* woman. From the narratives of these women, we will try to discuss the preservation, appropriation and democratization of relations in the context of information and memory environments, cultural heritage and the construction of identities.

Keywords: Memory; Identity; Cultural heritage; Renaissance Income.

1 ALINHAVAR DAS IDEIAS

Para analisar o uso da informação e da memória no mundo cada vez mais instantâneo, fragilizado e globalizado, é preciso recorrer à multidisciplinaridade, como uma possibilidade de reintegrar ou reconstruir o todo, de não se limitar à análise fragmentadora das disciplinas particulares ou de restringir-se as informações isoladas ou desconexas.

Nos traços da humanidade o conceito de memória está intrinsecamente interligado à sociedade de forma individual ou coletiva, ou seja, configura-se como um caminho passível de redescoberta dos processos de representação social e cultural, e, por conseguinte, para a redefinição de projetos que relacionem passado, presente e futuro. “[...] podemos perfeitamente dizer que o indivíduo recorda quando assume o ponto de vista do grupo e que a memória do grupo se manifesta e se realiza nas memórias individuais” (HALBWACHS, 2008, p.11).

Assim, a informação aqui considerada é aquela que diz respeito a uma produção de significados socialmente aceitos. Trata-se de um fenômeno em que há produção de um bem

simbólico, sua disseminação e consumo, implica na sua própria reprodução, já que a dimensão espacial enquanto dinâmica, dentro da sua recontextualização (AZEVEDO NETTO, 2007).

Desse modo, como nossa intenção neste texto não é propriamente fazer uma história da renda renascença na Paraíba e nem no Nordeste brasileiro, não nos ateremos necessariamente a fontes históricas oficiais ou documentais, mas as memórias e daquilo que será recomposto através do depoimento das rendeiras, revisitando o passado e apresentando recortes de um dado acontecimento.

Destacamos dois fatos relevantes na obra Schwarcz e Starling (2015), quando relatam que a mulher desde o Brasil Colônia teve sua participação histórica submergida em razão da história oficial induzindo algumas vezes a subordinação feminina em detrimento da construção nacionalista de uma história social oficial da qual pensamos não fazer parte. Por outra razão não menos importante é que a história da renda renascença no Brasil, como na Paraíba, foi construída quase que exclusivamente por mulheres, é complexa a tarefa de falar do universo social feminino, porque sempre tivemos um patriarca como soberano no Brasil, com o qual aprendemos a perceber a mulher como ocupante de papéis de segundo plano ou de função meramente decorativa e, portanto, desnecessária a história oficial.

O aprendizado do fazer rendas se dá em grande parte por meio de um processo empírico transmitido de mãe para filha e na interação de círculos sociais, bem como em cursos promovidos por centros de artesanatos (BORBA, 2006). Nesse processo, “o sujeito apropriase não somente de um fazer, mas de toda a história e valores que o caracterizam e, ao mesmo tempo, imprime a estes sua marca singular” (BALBINOT; PEREIRA; ZANELLA, 2000). Ou seja, cada “mão” que tece, imprime sua maneira de fazer, característica do fazer artístico.

A este fazer, chamamos de cultura, como (re)construção resultante de um processo de ensimesmamento, que é a interpretação que o homem dá a sua vida, reunindo um conjunto de soluções que ele cria para os problemas do seu existir.

Para este trabalho, utilizaremos a cultura sob uma perspectiva antropológica, que representa um produto resultante do relacionamento do homem com seu meio físico, social, econômico e político. Para Gouveia Junior e Galindo (2012) a cultura pode ser identificada como fenômeno social e humano de múltiplos sentidos, como manifestações que têm força simbólica e reconhecimento nas sociedades.

Desse modo, a identidade e a memória de um povo se revelam, sobretudo, em suas peculiaridades e na sua capacidade criadora. A identidade depende de suas características, do

ambiente propício ao desenvolvimento de sua criatividade; das condições culturais, sociais, históricas, físicas e geográficas da região por ele ocupada. A memória é resguardada, principalmente, pela documentação, através de registros, de outros meios que atendam à preservação dos aspectos importantes da história e da afirmação das suas raízes étnico-culturais (BORBA, 2006).

Logo, é preciso entender a memória como fonte e matéria-prima do conhecimento, sendo criação do sujeito, individual ou coletivo, e sendo ela a única garantia de que algo aconteceu no tempo, ela é o abstrato para a construção da objetividade que se faz pelo sujeito que interpreta e que narra.

Diante do exposto, o presente artigo enfatiza as relações humanas no "saber fazer" das rendeiras de renascença do município de Camalaú, PB, a partir da ótica do patrimônio material e simbólico, objetivando evidenciar o universo sócio-cultural de uma atividade artística, mediadora das memórias e identidades das mulheres rendeiras do Cariri Paraibano. Neste contexto indagamos: Como as memórias das rendeiras de Camalaú, PB auxiliam a construção das identidades específicas da renda renascença?

Com vistas a responder a indagação norteadora desta pesquisa, delineamos o nosso objetivo em compreender como as memórias individuais e coletivas das rendeiras de Camalaú, PB auxiliam a construção das identidades locais e fortalecem as identidades nacionais na construção artística da produção de rendas renascença.

Nesse aspecto defendemos que as memórias individuais e coletivas das rendeiras de Camalaú, PB auxiliam a construção das identidades locais e fortalecem as identidades nacionais na construção artística da produção de rendas renascença, a partir do relato de suas trajetórias.

2 TECENDO OS FIOS DA PESQUISA

Adotamos para esse trabalho uma abordagem etnográfica, partindo do conceito de Ouchi (2000) que define a etnografia como um método de pesquisa que busca captar valores culturais de um determinado grupo, através do ponto de vista do próprio grupo. Desta forma é o estudo de uma sociedade a partir das suas especificidades, analisando principalmente as suas regras informais, aquilo que a transforma num conjunto de grupos com características distintas.

Assim, entendemos que a metodologia consiste na observação de campo e para isso serão utilizados fios de várias meadas para recuperar a história narrada pelas próprias rendeiras. Entre eles, destacamos a entrevista, o diário de campo, a observação participante e o uso fotográfico. A partir daí, será possível descrever a prática da renda renascença sob alguns aspectos, tais como o trabalho artístico feminino, atividade de cunho familiar e doméstico, a mercantilização das rendas e, representações acerca das noções de tradição, identidade e autenticidade.

As técnicas utilizadas encontram-se em caráter de aplicação e, a ferramenta que permitirá a sistematização das informações obtidas nas entrevistas, que estão sendo aplicadas, sua organização e arquivamento foi baseado no modelo de protocolo de pesquisa para transcrição e sistematização de entrevistas proposto por Corrêa (2008). Nele constam as informações necessárias para que os pesquisadores, no papel de entrevistadores, tenham todas as narrativas obtidas em áudio ou vídeo, transcritas em forma textual, dividida em temas e turnos, onde se revezam as falas dos entrevistadores e do(a) entrevistado(a).

2.1 O Universo da Renda: Camalaú, PB

Situado no Cariri paraibano, na Mesorregião da Borborema e Microrregião dos Cariris Velhos da Paraíba (Cariri Ocidental), o município de Camalaú situa-se distante da capital do Estado 332 km, aproximadamente, 3 horas e 58 minutos em transporte particular e, possui 5.749 habitantes, sendo 2.840 homens e 2.909 mulheres. Destes, 2.887 pessoas residem na cidade e 2.862 na zona rural (IBGE, 2010).

Historicamente, Camalaú tem sido um dos municípios pobres e "esquecidos" do Cariri Paraibano. Fatores geográficos, históricos, políticos e culturais têm contribuído para isso. O seu "isolamento natural", as condições climáticas adversas, o domínio de uma oligarquia política secular, o "atraso cultural" que ainda transparece no alto índice de analfabetos e no baixo índice intelectual e profissional da grande parte da população - tudo isso influi na manutenção de um *staus quo* de subdesenvolvimento, atraso, pobreza, marginalização, embora já tenham surgido importantes sinais de mudança nos últimos tempos (MARIANO SOBRINHO, 2015).

Na cidade de Camalaú, as atividades econômicas básicas são o artesanato, a agricultura familiar, a pecuária e o extrativismo rudimentar. O comércio e o setor de prestação de serviços são bastante modestos. O município não possui indústrias e sua maior fonte de renda advém

do serviço público e das aposentadorias rurais. Ao lado de outros municípios – Congo, Monteiro, São João do Tigre, São Sebastião de Umbuzeiro e Zabelê, Camalaú destaca-se pela produção da renda renascença, que se caracteriza por ser uma renda de agulha, cujos pontos teriam tido origem na época do Renascimento.

O clima e as terras de Camalaú nunca foram bons para o plantio, e é justamente por isso que são férteis para o enraizamento da renascença. Férteis porque a renda era e é uma alternativa econômica viável, porque havia mulheres de todas as idades dispostas ao trabalho ansiosas para mudarem a qualidade de vidas de suas famílias.

2.2 Sobre as rendeiras: como contar a trama

As criações artesanais produzidas pelas rendeiras caracterizam-se como peças de origem popular e tradicional, elaboradas sem intenção de se tornarem objetos artísticos. No âmbito da produção cultural e, igualmente, da material, o artesanato tradicional é um artefato expressivo da cultura de um determinado grupo populacional, sendo representativo de suas tradições e modo de vida. A expressão artesanal permite às gerações precedentes a apropriação dos códigos simbólicos e elementos cognitivos, de maneira que possam ler e reler tal patrimônio cultural, promovendo atualização sem prescindir dos referenciais socioculturais.

As rendeiras da cidade de Camalaú, PB são mães de família, adolescentes e crianças que trabalham em conjunto, confirmando que, de um modo geral, são as mulheres as produtoras de rendas. Demonstram gostar e sentir prazer com a atividade que realizam e, trabalham com dedicação, tanto no desenho, no alinhavo, quanto no bordado da renda com agulha, e no acabamento das peças. Queixam-se da pouca valorização do trabalho artesanal na sociedade, parecendo secretamente saber que trazem dentro de si um saber estético e cultural incomum e tradicional.

Novos hábitos passaram a se estabelecer no cotidiano das rendeiras a partir do ano de 2000, após a fundação da Associação Comunitária das Mulheres Produtoras de Camalaú, PB (ASCAMP), quando a renda passou a ser confeccionada não somente no espaço do lar e a mulher, mãe dona-de-casa, assumindo uma rotina de trabalho fora do universo doméstico. No entanto, a preocupação e o compromisso dessas mulheres para com a família, bem como para com as “obrigações” domésticas, não foram modificados pela rotina de trabalho. Isso está expresso no “fazer o almoço e deixar tudo botado” antes de ir para a Associação, e na

preocupação em preparar o jantar logo que retorna do trabalho. O que ocorreu foi uma reorganização dos horários e das tarefas por elas realizadas, o que levou a uma ampliação de suas jornadas de trabalho. Normalmente elas são as primeiras que acordam e as últimas que se recolhem.

O universo da pesquisa, que compõe o tema deste texto, compreende o recorte temporal de 2000, data de fundação da Associação Comunitária das Mulheres Produtoras de Camalaú (ASCAMP), até o ano de 2017, quando se encerrou a fase de entrevistas com as interlocutoras.

3 DOS BAÚS DE ENXOVAIS ÀS PASSARELAS DA MODA: INFORMAÇÃO, MEMÓRIA, CULTURA E IDENTIDADE DA RENDA RENASCENÇA

O conceito de patrimônio envolve-se por uma conservação de algo para alguém ou por um grupo, podendo ser um objeto material ou pelo imaterial em busca de um saber, ambos herdados por alguém e transmitidos pela memória entre as gerações.

Assim, tal conceito se apresenta com diferentes contornos semânticos conforme o contexto social e espaço-temporal no qual está e foi inserido, e para este projeto de tese, aceitamos a noção de patrimônio, como categoria de pensamento, no sentido de perceber as diversas dimensões significativas sócio-culturais e políticas que são cruciais para manutenção dos grupos sociais humanos (GONÇALVES, 2009; SALAINI; GRAEFF, 2011).

O patrimônio cultural ultrapassa assim, a dicotomia material e imaterial, e se constrói numa dimensão inter-relacional, onde segundo Lima (2011, p.20) “o que é informado pelos sentidos – aí incluído o universo material – torna-se uma experiência da consciência”, e dessa forma provoca as diferentes formas de representação que um patrimônio pode evocar, pois a “[...] cultura material é um sistema estruturado de signos [...]”, que está constantemente inserida num processo de semiose, transmutando-se em suas formas, espaço e tempo (LIMA, 2011, p.19).

Neste sentido, considerar a renda renascença como elemento da cultura material e imaterial camaluense é considerar uma técnica e, ao mesmo tempo, uma arte que se manteve ao longo do tempo no cotidiano das mulheres rendeiras (DANTAS, 2003).

Nesta análise, a renda, como trama, imagem e cultura material não é só representação: é o indício fundamental; o primeiro rastro para observarmos as memórias das mulheres rendeiras de Camalaú, PB, confundidas em torno do objeto produzido: a renda renascença. Há nelas a mãe, a tia, a vizinha que as ensinou, há os irmãos que não aprenderam, há a calçada

onde foram produzidos os primeiros pontos, o intervalo em que não fizeram renda porque cuidavam do filho recém-nascido. As rendas não são somente adornos, mas repositórios das memórias.

Jan Assmann (2008, p.50) explica que

[...] a memória cultural é complexa, pluralista e labiríntica; engloba uma série de memórias vinculantes e identidades plurais diferentes no tempo e no espaço, e dessas tensões e contradições extrai sua própria dinâmica (Tradução nossa).

Conforme afirma Jan Assmann (2008), a memória cultural admite a vinculação de um grupo sem a necessidade de levar em consideração fatores como tempo e espaço, na verdade, ela reconstrói apenas as cenas que cada sociedade considera necessárias, de acordo com sua situação particular e presente. Nesse sentido, a memória não armazena o passado como um bloco e a única forma de conservá-la para futuras gerações seria configurá-la simbolicamente, para restabelecer, em novos contextos, aquilo que foi produzido em um tempo e lugar remotos e que foi perdido por lógica todo laço de imediatidade.

Assim, Memória é a faculdade de conservar ou readquirir ideias ou imagens; é lembrança, reminiscência. A memória parte das vivências do sujeito e não é algo homogêneo, compacto; ao contrário, mostra-se algo fluido, plural, movediço, em se tratando da coletividade algo correspondente a grupos sociais, que ao vivenciarem situações, têm uma recordação parecida por terem aspectos em comum, por pertencerem a um grupo, por exemplo.

Neste âmbito, a memória se registra por um processo de montagem. Toda montagem tem o seu eixo definidor que parte do indivíduo. É um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje. Pode ser uma forma de (re)construção da identidade individual, ou uma forma coletiva (comunidades interpretativas) de se fazer história.

Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si [...] (POLLAK, 1992, p. 200-212).

Assim, é nessa concepção que a mulher rendeira precisa ser analisada como reprodutora de um saber-fazer com preservação pela memória e ensinada pra futuras gerações com a técnica de sua construção, esse fazer expõe claramente uma identidade de

cada mulher rendeira no momento, que constrói cada ponto da trama, não existe a cópia desse fazer, ou seja, ao se fazer cada ponto da renda a mulher caracteriza uma personalidade em seu fazer e ao qual mesmo sendo ensinado não tem como se replicar a marca de personalidade remetendo para uma identidade ao passar dos anos "[...] às técnicas, ao saber e ao saber fazer. São os elementos não tangíveis do Patrimônio Cultural. Compreende toda a capacidade de sobrevivência do homem no seu meio ambiente (LEMOS, 1981, p.9).

A reconstrução dessas memórias por meio dos depoimentos são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo. São importantes como estilo de transmissão, de geração para geração, das experiências mais simples da vida cotidiana e dos grandes eventos que marcaram a História da humanidade. São suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. Possuem natureza dinâmica e como gênero específico do discurso integra a cultura de diferentes comunidades. São peculiares, incorporam dimensões materiais, sociais, simbólicas e imaginárias. Plenas de dimensão temporal têm na experiência sua principal fonte (BENJAMIN, 1994).

Neste sentido, nossa pesquisa pauta-se no conceito de Silva e Oliveira (2014, p. 136):

A memória na Ciência da Informação traz em sua entrelinha “os traços informacionais” através da organização da matéria no processo de representação da informação, possibilitando uma eficácia no processo de recuperação da informação, ou seja, um limiar infor-comunicativo que permite a evocação de uma “informação revitalizada” na medida em que atende a sua principal função que é a de recuperar para informar. (SILVA; OLIVEIRA, 2014, p.136).

A Informação contida nos objetos do cotidiano, enquanto fenômeno cultural é identificada e localizada de acordo com o estado que tais manifestações se apresentam para o seu receptor, já que é ele que vai constatar seus limites e contornos. Esta Informação pode se apresentar de várias formas e de naturezas diversas, desde as mais técnicas, passando pelas formais, até as interpretativas, como foi abordado por Azevedo Netto (1998).

Uma das formas de se perceber a informação contida nos artefatos pode ser chamada de informação relacional. Este tipo de informação está contido na especificidade das variações espacial e temporal, detectadas dentro da distribuição dos signos. Tais variações são

observadas a partir das afinidades estruturais e formais, somadas à da organização discursiva, sempre referendada pela especificidade de código de cada unidade cultural considerada.

De acordo com Pacheco (1995, p. 21)

Se a informação é um artefato ela foi criada num tempo, espaço e forma específica, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretada - o contexto de sua geração. Sendo artefato ela pode ser utilizada em um contexto distinto daquele para o qual e no qual foi produzida, sendo, portanto passível de recontextualização.

Diante desses conceitos, podemos perceber que a memória, mesmo estando atrelada ao sujeito, sempre estará conectada a um contexto social no tempo e espaço. Por isso, não estamos preocupados em percebê-la como função mnemônica isolada do meio, mas sim, trazendo essa associação constante entre os meios e modos criados coletivamente. A memória apresenta-se em permanente mudança como processo dinâmico, realizando uma “ponte” entre o sujeito histórico e um grupo social, a um momento específico no tempo. Dessa forma, percebe-se que a memória das rendeiras de renascença da cidade de Camalaú, PB, pode ser vista como um fenômeno concomitantemente individual e coletivo.

Dessa forma, pensando a memória vinculada ao "saber-fazer" das rendeiras de renascença de Camalaú, destacamos que ela se encontra atrelada a um contexto social, cultural e temporal, vislumbrando o seu potencial como fenômeno social. Assim, podemos percebê-la como conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, detêm experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade com esse passado imediato ou remoto. (OLIVEIRA; AZEVEDO NETTO, 2007, p.32).

A Renda Renascença é aqui considerada uma expressão artística e poética alicerçada na transmissão de saberes, através da voz, da performance, da memória e da observação de gerações de rendeiras. Cada uma tem uma "co-autoria" dessa arte, a partir da criação de pontos. A performance, que expressa significado nas mãos das artesãs ao recriar sua arte, a cada ponto produzido, as torna intérpretes de sua cultura. As mãos tecem à medida que os sonhos, as expectativas e as formas da criação e da vida vão sendo fixadas na memória.

Observa-se que a rendeira, ao compor sua memória individual na peça, recria, reinventa um passado, uma memória coletiva. Assim:

[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 2008, p. 55).

Diante deste contexto, nossa proposta de pesquisa, aborda o cotidiano legitimado como esfera de investigação tornando possível a legitimação da história das mulheres ou história dos comuns, que no caso das rendeiras de renascença de Camalaú, PB “através do depoimento das mulheres que ali vivem a memória desta gestação. Memória que, em praticamente todas as falas, é orientada pela experiência do trabalho, como condição indispensável à sobrevivência do indivíduo e do grupo familiar” (GONÇALVES, 1996, p. 95).

Assim, a pesquisa enfatiza as relações humanas no "saber fazer" das rendeiras de renascença do município de Camalaú, PB, a partir da ótica do patrimônio material e simbólico, objetivando evidenciar o universo sócio-cultural de uma atividade artística, mediadora das memórias e identidades das mulheres rendeiras do Cariri Paraibano

4 A AGULHA CORRE E A RENDA CRESCE: O 'SABER-FAZER' DAS RENDEIRAS DE RENASCENÇA DE CAMALAÚ/PB

Nesse estágio da pesquisa, abordaremos as mãos como os instrumentos mais utilizados pelas rendeiras do Cariri paraibano, desempenhando a função do plantio nas lavouras, o cuidado com os animais, nas orações a São Pedro que interceda junto a Deus para que chova e colham prosperidade, no acalento aos filhos, mãos de mulher que são usadas para dar carinho a seus companheiros e quando se ocupam da renda no desenho dos riscos, alinhavar o *lacê*, confeccionar a almofada e fixar nela o risco, na tessitura dos fios e acabamento e por fim ocupando o lavar e passar a peça para vendê-la.

Figura 1 – Mãos tecendo renda renascença



Fonte: Arquivo pessoal de Geysa Flávia Câmara de Lima

É verdade que, na prática, conforme aponta Ingold (2011, p.53), as etapas não são rigidamente definidas e tampouco seguem sucessivamente umas às outras, pois as ações se desencadeiam processualmente. Assim, antes da renda ser *assentada* na almofada, uma série de ações deve ser executada.

Neste sentido, a renda resulta, portanto, da interação habilidosa entre os gestos e forças aplicadas pelo corpo, e às possibilidades da linha. A produção da renda envolve uma espécie de diálogo contínuo entre a rendeira, alinha e suas propriedades.

A aquisição das habilidades envolvidas na produção da renda e a formação das rendeiras caminham lado a lado e ambos os processos estão vinculados ao sistema de relações técnicas (SAUTCHUK, 2015), nas quais estão imersas. Nesse percurso, as ferramentas são essenciais para o feitiço das peças, uma vez que a ausência de qualquer uma desta torna inviável a atividade. Em relação às etapas de feitura, estas se dão por meio, respectivamente, de risco, alinhavo, tecimento, acabamento e lavagem.

O livro editado pelo SEBRAE/PB e patrocinado pelo governo do Estado da Paraíba, de Christus Nóbrega (2005) “Renda Renascença: uma memória de ofício paraibana” trouxe designações de **pontos da renda renascença**. No Cariri os batizam com nomes concretos, sempre remetidos a um objeto que pertence ao cotidiano das rendeiras: flora (abacaxi e flor); fauna (aranha, besouro, caramujo, mosca e traça); astro celeste (lua e sol); objetos do uso cotidiano (balaio, cestinha, corrente, crivo, ilhós, laço, malha, nervura, meia, passagem, *richelieu* caseado, *richelieu* torcido, sianinha amarrada, sianinha simples, torre, vassoura e xadrez); nome de comida (arroz, chiclete, cocada, pipoca e xerém); nome de santo (São Paulo), e com nomes abstratos, que podem simbolizar os laços afetivos vividos ou desejados pelas rendeiras (amor seguro e dois amarrados).

Nomear é um ato que envolve relações de poder. Com o nome se atribui individualidade a um objeto amorfo e lhe confere um lugar no conjunto das coisas preexistentes entre as quais se insere. É através da nomeação que se dá o tom local a um saber que chega de fora, trazendo muitas vezes um nome estranho e pouco significativo para quem o adota.

A respeito dos pontos, convém salientar-se, que não são exclusivos da renda renascença. Eles entram também na confecção de muitas outras rendas e bordados. Com estes ou com outros nomes, muitos deles fazem parte do saber transmitido às mulheres, não

só informalmente, mas também através de uma aprendizagem formal nas escolas onde a disciplina Trabalhos Manuais, ainda na década de 50 do século XX, se encarregava de repassar para as jovens casadoiras habilidades que faziam parte da boa educação de uma futura dona de casa.

Os pontos podem ser agrupados e reordenados em um número tão grande de combinações que tem como único limite o potencial criativo das mulheres rendeiras. Com essa incalculável diversificação de tramas, um mesmo risco pode ser tecido de inúmeras maneiras, o que torna cada trabalho de renda, exclusivo e, cada artesã, única.

5 TESSITURA INICIAL

Nossa proposta não é exaurir os desdobramentos que se apresentarão nas reflexões sobre a trajetória dessa tradição por meio das depoentes, mas o caminho para que outros possam ser escritos. Esse recorte foi o início de novas polêmicas para se verificar a tradição enquanto um começo, meio ou fim de relações identitárias que possuem o intuito de manterem laços de símbolos, significados e pertencimentos.

Para Halbwachs (2008, p.31)

Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muito mais exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso.

Estes depoimentos nos apresentaram recortes de lembranças individuais e ou coletivos sobre o cotidiano das rendeiras de Renascenças e de suas histórias de vida, passadas neste município, com maior riqueza de detalhes, represados em algum lugar da memória dessas mulheres.

Diante do exposto, a presente pesquisa enfatiza as relações humanas no "saber fazer" das rendeiras de renascença do município de Camalaú, PB, a partir da ótica do patrimônio cultural, objetivando evidenciar o universo sócio-cultural de uma atividade artística, mediadora das memórias e identidades das mulheres rendeiras do Cariri Paraibano.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, A. Canon and archive. In: ERLI, A.; NÜNNING, A. (Ed.). **Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Berlin: Walter De Gruyter, 2008. p. 97-107.

ASSMANN, J. Communicative and cultural memory. In: ERLI, A.; NÜNNING, A. (Ed.). **Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Berlin: Walter De Gruyter, 2008. p. 109-118.

AZEVEDO NETTO, C. X. A natureza da informação da arte rupestre. **INFORMARE**, Rio de Janeiro, IBICT, v4 n2, 1998, p. 55-62.

_____. Informação e memória: as relações na pesquisa. **História em Reflexão**, Dourados, v.1, n.2, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/download/412/302>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

BALBINOT, G.; PEREIRA, R. S.; ZANELLA, A. V. A renda que enreda: analisando processos de constituir-se rendeira. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.21, n.71, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200011>. Acesso em: 6 jun. 2017.

BENJAMIN, W. Brinquedo e brincadeira: observações sobre uma obra monumental. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORBA, Â. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (Org.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. p. 33-45. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

CORRÊA, R. de O. **Narrativas sobre o processo de modernizar-se: uma investigação sobre a economia política e simbólica do artesanato recente em Florianópolis, Santa Catarina, 2008**. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

DANTAS, B. G. Artur Ramos: entre rendas de bilros e o sertão do São Francisco. **Canindé: Revista do Museu de Arqueologia do Xingó**, [S.l], n. 3, 2003. Disponível em: <https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/tcc_rendas_revisado_-_celacc_-_carolina_j._sem_sumario_25.04.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 25-33. Disponível em: <http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/coletaneas/06-memoria-e-patrimonio_ensaios-contemporaneos.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2017.

GONÇALVES, R. C. **Vidas no labirinto: mulheres e trabalho artesanal – um estudo sobre as artesãs da Chã dos Pereira, Ingá/PB**. 1996. 160f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1996.

GOUVEIA JÚNIOR, M.; GALINDO, M. Sistemas memoriais como disseminadores de informação. **TransInformação**, Campinas, v.24, n.3, p.207-217, set./dez., 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v24n3/a05v24n3.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2017.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2008.

INGOLD, T. The textility of making. In: _____. **Being alive: essays on movement, knowledge and description**. London: Routledge, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades-Paraíba. 2016. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=25&search=paraiba>> Acesso em: 8 jun. 2017.

_____. Cidades-Paraíba. 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=25&search=paraiba>> Acesso em: 8 jun. 2017.

LEMOS, C. A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LIMA, T. A. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, v. 6 n.1, p.11-23, jan./abr., 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v6n1/a02v6n1>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

MARIANO SOBRINHO, A. **Rio do Camará: a epopeia de mais um século**. 3. ed. Camalaú: Academia de Cultura Princesa do Cariri, 2015.

NÓBREGA, C. **Renda renascença: uma memória de ofício paraibana**. João Pessoa: Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas da Paraíba, 2005.

OLIVEIRA, B. M. J. F.; AZEVEDO NETTO, C. X. de. Artefatos como elemento de memória e identidade da cultura popular: um olhar sob a perspectiva da arqueologia social. In: FECHINE, I.; SEVERO, I. (Orgs.). **Cultura popular: nas teias da memória**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 27-51.

OUCHI, Cristina. O global e o local na construção da identidade: um estudo em marketing e antropologia de adolescentes. **Dissertação de Mestrado**. Coppead/UFRJ, Rio de Janeiro: 2000.

PACHECO, L. S. Informação enquanto artefato. **Informare - Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da informação**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.20-24, jan./jun. 1995.

POLLACK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/1941/1080>>. Acesso em: 8 jun. 2017.

SALAINI, Cristian Jobi; GRAEFF, Lucas. A respeito da materialidade do patrimônio imaterial: o caso do INRC Porongos. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v.17, n.36, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000200008>. Acesso em: 6 jun. 2017.

SAUTCHUK, C. E. Aprendizagem como gênese: prática, skill e individuação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.21, n.44, p.109-139, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832015000200109&lng=pt&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em: 6 jun. 2017.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, L. E. F. da.; OLIVEIRA, B. M. J. F. de. Mnemosyneinfocomunicativa: a possibilidade axiomática de construção de um conceito de memória para a Ciência da Informação. **Inf. & Soc: Est.**, João Pessoa, v. 24, n. 1, p. 135-143, jan./abr., 2014. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/download/17658/10934>>. Acesso em: 8 jun. 2017.